

Ao longo dos anos, sempre ouvimos dizer aos mais velhos, e lemos em muitos romances: "os tempos estão cada vez piores". Quase se pode dizer, ser essa uma constante de todas as épocas. De facto, viver não é fácil, e existe a tendência dos mais velhos de valorizarem o passado, a sua juventude. Mas a vida vai correndo, independentemente dos tempos e, sendo optimista, podemos constatar uma evolução positiva da humanidade ao longo dos séculos. Lenta, com altos e baixos, mas irreversível.

Nesta caminhada, cabe aos professores e aos investigadores continuar a fazer o seu trabalho com profissionalismo, nomeadamente resistir nos períodos de baixa, e manterem-se como uma das reservas das Nações. Só o conhecimento pode salvar os Povos.

Embora lentamente, o potencial científico de Portugal tem vindo a crescer. Tem sido um trabalho de diversas gerações, difícil de construir, mas fácil de destruir. Neste número, entre tantos motivos de interesse salientamos as notícias referentes à Jubilação dos "construtores" Professores Bernardo J. Herold e João José R. Fraústo da Silva. Um ciclo da sua vida que se conclui e que constitui motivo de gratidão para todos nós. Como ambos têm ainda muito para dar à ciência portuguesa, resta-nos desejá-lhes continuação de bom trabalho. E como não há duas sem três, o terceiro construtor a ser mencionado neste número é o Professor Jorge Calado cuja entrevista se inclui.

Seguindo uma salutar rotina, os nossos leitores podem ainda contar com as ru-

bricas habituais, sempre cheias de motivos de interesse e também com uma boa polémica. A Sociedade Portuguesa de Química não tem um pensamento único e neste boletim não há uma verdade oficial – nem para um lado nem para o outro. E o corpo editorial não faz censura de opinião. Pelo que os nossos leitores se devem habituar a ler coisas com que não concordam. E devem aceitar que a revista não é, nem melhor nem pior, por publicar aquilo que concordamos e ignorar o que discordamos. De certo que pelo menos a maioria dos membros da SPQ tem ideias semelhantes sobre a importância da Química na nossa sociedade. E isso cremos que baste. Esse é o cimento que nos une. O resto faz parte das contradições do viver.

CARTAS AO EDITOR

Exmo. Senhor Presidente da Sociedade Portuguesa de Química

Mais uma vez me dirijo a esta instituição indignada, com o conteúdo de artigos publicados no boletim, na secção química e ensino. (A 8 de Julho de 2002 enviei uma carta, dirigida ao Secretário Geral da SPQ, sobre a correcção apresentada no boletim para o Exame Nacional de Química, 1.ª fase, 1.ª chamada – à qual não obtive resposta).

No boletim n.º 88 pode-se ler um artigo, escrito por duas pessoas da Escola Secundária de Henrique Medina, Esposende (suponho que sejam professores, porque não consta qualquer identificação profissional em rodapé) que põem em causa o trabalho e a competência dos professores de Física e Química do país inteiro. Lêem-se aí parágrafos como estes:

"a)...já previam a realização de actividades experimentais relacionadas

com os conteúdos da disciplina, mas estas não eram concretizadas,....mas principalmente porque não é fácil ao mesmo professor conjugar conteúdos teóricos com trabalhos experimentais, numa mesma disciplina."

"b)...mas toda a gente sabe que a realidade tem sido bem diferente e que só muito episodicamente há aulas experimentais de CFQ do 10.º e 11.º anos. Está igualmente escrito nos programas ainda em vigor que a execução das actividades experimentais será tida em conta na avaliação dos alunos, mas duvidamos que tal seja aplicado em alguma escola portuguesa. Ou seja, a prática de vários anos já comprovou, sem margem para dúvidas, que não é viável a integração das componentes teóricas e experimental do currículo."

"c) Na generalidade das escolas, é **unicamente** nas Técnicas Laborato-

riais... que existe disponibilidade de tempo ...os alunos levaram a cabo trabalhos práticos de laboratório – e não meras demonstrações efectuadas pelo professor – sendo as suas competências para o trabalho experimental tidas em conta na avaliação."

"d)... *Nessas condições, as actividades experimentais, mesmo que pudessem ser concretizadas, em nada seriam benéficas para a disciplina.*"

Chocante é ainda a baixa qualidade literária do texto, que emprega expressões como "Para levar a água ao seu moínho", e palavras como "eduquês", cujo significado não encontro no dicionário da língua portuguesa nem o entendo no contexto.

Apenas recorrendo à minha memória, comento que a auscultação feita às escolas com base na reflexão sobre os documentos de preparação da reforma curricular do Ensino Secundário, referi-